



***Epistolae Iapanicae: cartas dos primeiros  
jesuítas portugueses no Japão***

***Epistolae Iapanicae: The Letters of the First  
Portuguese Jesuits in Japan***

Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, São Paulo  
/ Brasil

cadumendesdemoraes@gmail.com

Amanda Mimoso Rodrigues Coelho

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, São Paulo  
/ Brasil

rodriguesamrc@gmail.com

Alessandro Jocelito Beccari

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, São Paulo  
/ Brasil

a.beccari@unesp.br

**Resumo:** As *Cartas Japonesas* (Epistolae Iapanicae) são documentos que registram a ação dos jesuítas portugueses em terras japonesas a partir do ano de 1549. Essas cartas tinham como finalidade comunicar à coroa as ações (e conseqüentemente, as dificuldades) das missões enviadas ao Oriente, tanto no tocante à condução da catequização, quanto da conversão, que eram os intuitos principais na promoção da expansão da religião católica, mas que traziam no seu bojo outras intenções, como o avanço econômico e político sobre aquela população. A obra em estudo resulta da reunião das mais significativas cartas enviadas a Portugal. Escritas originalmente em português, elas foram posteriormente traduzidas para o neolatim, sob o título *Epistolae iapanicae, de multorum gentilium in uariis insulis ad Christi fidem, per Societas nominis Iesu Theologos Conuersione*. A edição dessas cartas, neste formato, deu-se no ano de

1569, pelo editor Ruitger Velpius (1540-1615), pela Universidade de Lovaina, com prólogos e subtítulos de Hannardus Gameren Mosaeus (1530-1569) e o patrocínio de Alberto V, Duque da Baviera (1528-1579). A proposta deste artigo é discutir o processo de composição desta obra a partir das suas características enquanto trabalho resultante de compilação de documentos esparsos, aqui tratados como fontes primárias, em que se levam em conta aspectos contextuais como mecenato, intenções editoriais e os processos de adequação da difusão dos documentos inicianos aos propósitos de expansão religiosa, política e comercial, transformando um arquivo de cartas de circulação restrita em obra impressa de valor essencial para as intenções expansionistas de Portugal.

**Palavras-chave:** historiografia linguística; retórica; jesuítas; Japão.

**Abstract:** *The Japanese Letters (Epistolae Iapanicae)* are documents which record the activity of the Portuguese Jesuits in Japanese territory from 1549. These letters were intended to report to the crown the actions (and consequently the difficulties) of missions sent to the East, both in terms of conducting catechization and conversion, which were the main purposes for promoting the expansion of the Catholic religion, but which brought with it other intentions, such as economic and political advantages taken of that population. The work under study results from the gathering of the most significant letters sent to Portugal. Originally written in Portuguese, they were later translated into Neo-Latin, under the title *Epistolae Iapanicae, de multorum gentilium in variis insulis ad Christi fidem per societatis nominis Iesu Theologos conuersione*. These letters were edited in this format in 1569 by editor Ruitger Velpius (1540-1615), at the University of Leuven, with prologues and subtitles by Hannardus Gameren Mosaeus (1530-1569), sponsored by Alberto V, Duke of Bavaria (1528-1579). The purpose of this article is to discuss the process of composing this work considering its characteristics as a product resulting from the compilation of scattered documents, treated here as primary sources, which take into account contextual aspects such as patronage, editorial intentions and the processes of adaptation of the diffusion of Ignatian documents for religious, political and commercial expansion purposes, transforming an archive of restricted circulation letters into a printed work of great value to Portugal's expansionist intentions.

**Keywords:** Linguistic Historiography; Rhetoric; Jesuits; Japan.

## 1 O contexto de produção das *Epistolae Iapanicae*

Devido à expansão marítima do Império português, nos séculos XV e XVI, foram estabelecidas diversas relações comerciais nas Índias Orientais, especialmente na região de Goa, na qual se localizava uma forte influência comercial da Coroa Portuguesa, não obstante o fato de os

colonizadores deterem ambição de percorrer lugares inexplorados. Desse modo sucedeu o primeiro contato entre japoneses e europeus em 1542, com a presença de alguns mercadores portugueses em solo japonês, na ilha de Tanegashima. Sucessivamente se iniciou um vantajoso comércio entre Portugal e Japão, bem como, poucos anos depois, as atividades dos missionários.

Entretanto, no território desse novo parceiro comercial decorriam frequentes e longas guerras civis. De acordo com Pimenta (2013), essa época é nomeada *Sengoku Jidai* (Era dos Reinos Combatentes). Nesse período o Japão era dividido pelos Clãs, as famílias mais poderosas, em que os seus senhores feudais lutavam entre si para determinar a autoridade do seu *Bakufu*.<sup>1</sup> Por essa razão nem sempre havia um poder centralizado que conseguia se impor, o que beneficiou o comércio de Portugal e os missionários católicos, que vieram com a missão de evangelizar os nativos e propagar a fé na Ásia.

Para compreender o que levou a Igreja Católica a enviar seus missionários para regiões tão distantes da Europa, como China, Vietnã e Japão, faz-se necessário entender o contexto histórico em que o Ocidente se encontrava naquele momento. No século XVI, as grandes descobertas marítimas coincidem, para os europeus, com a Reforma Protestante e a reação católica a esse movimento, a chamada Contrarreforma. Na verdade, o espírito da fundação da Companhia de Jesus, em 1540, é fortemente impactado pelos ideais da Contrarreforma católica.

Embora seja cômodo apresentar a Contrarreforma como um mero antagonismo à Reforma Protestante de Martinho Lutero (1483-1546), o fato é que a ideia de reforma eclesiástica é tão antiga quanto o Cristianismo, e o próprio Lutero nunca pensou em tornar-se papa de uma nova igreja. O que ocorreu a partir do século XV foi uma intensificação do desejo de reforma no seio da Igreja Católica, que se encontrava em um estado de grande distanciamento de seus ideais evangélicos: corrupção, vendas de indulgências, indisciplina, enriquecimento, formalismo estéril e disputas sanguinárias pelo poder são alguns dos mais conhecidos problemas que levariam à ruptura definitiva entre católicos e protestantes em meados do século XVI.

---

<sup>1</sup> “Em português literalmente “governo de tenda” referindo-se à relação clara entre política e o domínio militar” (PIMENTA, 2013, p. 29).

A situação era tão grave que, depois dessa ruptura definitiva, protestantes e católicos continuariam suas próprias reformas internas. Os jesuítas do século XVI devem, pois, ser entendidos em um contexto de reforma interna de uma instituição religiosa que investia na formação de um clero mais preparado para o enfrentamento com os protestantes, os quais, segundo a Igreja de Roma, ocupavam territórios que histórica e legitimamente lhe pertenciam. Esse aspecto interno, revolucionário e reformador do surgimento da Companhia de Jesus tem sua origem remota em uma reforma da Igreja Católica muito anterior, que ocorrera no século XI, com a criação de um novo tipo de religioso: os padres regulares, também chamados de clérigos regulares.

Até aproximadamente o ano 1000, a hierarquia eclesiástica era constituída essencialmente por monges, que viviam enclausurados em mosteiros rurais. Com o advento das novas cidades europeias, na virada do milênio, houve a necessidade de um novo tipo de padre, não mais limitado a atuar em um mosteiro que atendesse a uma população campesina, mas um religioso com uma formação mais flexível. Diferentemente do monge, que também obedece a uma regra, o clérigo regular não está ligado a um mosteiro, ou seja, pode ser transferido a qualquer momento, o que fica a critério de seus superiores hierárquicos ou mesmo do bispo local.

É a mobilidade dos clérigos regulares que se adaptaria tão bem a uma sociedade em transformação e seria muito importante nos esforços da Contrarreforma. Outra diferença importante entre o monge e o clérigo regular, que ajuda a entender os missionários jesuítas, é que o padre regular não é, como o monge, obrigado a participar da oração comunitária ou mesmo vocalizar suas orações, que podem ser proferidas mentalmente, na solidão. Isso significa que o clérigo regular pode ser enviado sozinho a regiões ainda não alcançadas pelo Evangelho (PIERRARD, 1982).

A Companhia de Jesus não foi única como congregação religiosa fundada no século XVI, no clima da Contrarreforma. Assim, além da mobilidade própria das ordens regulares, os jesuítas optaram por compor seus quadros com a elite da Igreja Católica: só eram aceitas pessoas com vocações longamente comprovadas e fundamentadas em uma sólida formação intelectual, possuidoras de uma capacidade de adaptação a todas as adversidades, tendo como único grande ideal a maior glória de Deus por meio da expansão da fé católica. De fato, a Companhia de Jesus,

embora anterior à Reforma Católica, sendo criada por Inácio de Loyola em 1537, teve seus princípios missionários largamente associados aos reformadores tridentinos. A concepção de *soldado de Cristo*, entendida como corpo de missionários devidamente treinados com o objetivo de evangelizar almas pagãs em territórios muitas vezes inóspitos se encaixa perfeitamente com as novas diretrizes do concílio de Trento, que, ao contemplar a descoberta de mundos até então desconhecidos pelo homem europeu, visava sistematizar o processo evangelizador. (PIMENTA, 2013, p. 41, grifo do autor).

Ainda no Continente Europeu, antes de seguirem para o Novo Mundo, os inacianos ou jesuítas, desde 1547, adotavam o ensino como ministério. O primeiro colégio foi fundado em Messina e teve tanto êxito que Inácio de Loyola resolveu criar outro, em Roma, o Gesù, em 1551, que se tornou a alma da Companhia. Essa preocupação com a educação tornar-se-ia uma das características mais marcantes da Companhia, que, como se sabe, fundou colégios em diversas partes da Europa que haviam sofrido influência do protestantismo. Diferentemente do que sucedia na educação jesuítica na Europa, ao entrar em contato com o Japão do século XVI, houve uma transformação na forma de ensinar dos inacianos, pois o novo ambiente apresentava certas singularidades que a diferenciariam da ação educativa em outras partes do globo. De acordo com Pimenta (2013, p. 43):

Devemos, porém, separar a pedagogia empregada para a conversão de povos não cristianizados da tradição que se fundaria dos jesuítas como responsáveis pela educação dos filhos das elites. Como iremos observar, fica clara a ideia entre os jesuítas de superioridade do elemento europeu frente os povos recém-encontrados, e o zelo educacional para com os filhos das elites tomaria uma configuração diferente da pedagogia missionária jesuíta. No caso da missão japonesa este zelo não foi diferente. Um fato importante a destacar é a grande preocupação com a aprendizagem da língua nativa e o ensino do latim. Esta preocupação encontra-se estampada em diversas missivas, em que podemos observar o esforço dos jesuítas em tentar passar os conhecimentos da língua europeia para os japoneses nos seminários criados no Japão.

Se os mais versáteis agentes da Igreja que deixa a Europa em direção à Ásia são os jesuítas, seu principal veículo foi o Império Marítimo Português. Em meados do século XVI, Portugal era uma nação de pequenas dimensões: sua população não chegava a um milhão e trezentos mil habitantes. Assim, o reino português dispunha de muito poucos indivíduos para fazer mais que instalar agências comerciais, entrepostos e portos periféricos nas costas da África, América e Ásia. Além do déficit numérico, no que tange à Evangelização, que os reis portugueses haviam assumido como bandeira, alguns dos religiosos que acompanhavam os marinheiros lusos em suas naus cometiam um erro básico, que custaria muito aos jesuítas mais tarde: impor aos nativos convertidos os quadros de um catolicismo europeu estreitamente ligado aos interesses comerciais de Portugal (PIERRARD, 1982).

Apesar disso, os primeiros portugueses que chegaram ao Japão, em 1542, logo conquistaram a confiança e a proteção de alguns senhores feudais, que se mostraram interessados, seja pelas armas de fogo que os europeus traziam em suas naus, seja por suas ideias religiosas. Por conseguinte, os jesuítas tiveram condições de alcançar relativo sucesso em seu trabalho inicial de conversão dos nipônicos. Entre 1549 e 1592, os japoneses tiveram contato apenas com os jesuítas. Após essas datas também com os agostinianos, franciscanos e dominicanos.

Tratando-se dos primeiros jesuítas que chegaram ao arquipélago japonês, houve um indivíduo que passou a ser muito importante, seja por reelaborar o ensino do processo de evangelização após ser introduzido à cultura e civilização japonesa, seja porque modificou o método missionário: foi o jesuíta navarrês Francisco Xavier (1506-1552). Além de ter sido um dos primeiros companheiros de Inácio de Loyola (1491-1556), ele foi um dos fundadores do braço da Companhia de Jesus cuja missão era a de evangelizar a Ásia. Empreendeu sua missão da Índia portuguesa, Goa, e foi além: Cochim, Colombo, Macau, Molucas. Como coramento de seu trabalho, atingiu o Japão, em 1549, onde permaneceu por dois anos. Embora sem conhecimento dos costumes locais e das riquezas do hinduísmo, do budismo, do confucionismo e do xintoísmo, Xavier, em seu zelo extremo, preparou o caminho para um trabalho de aculturação que renderia muito frutos à missão da Ásia.

Sua estadia no Japão (1549-1551) convenceu-o da necessidade de uma formação especial para os missionários que fossem trabalhar no Oriente, um aprendizado vital para aqueles que viriam depois dele.

O Padre Matteo Ricci (1552-1610), por exemplo, chegaria à conclusão que os rituais de culto aos antepassados e ritos do confucionismo não tinham qualquer mácula de idolatria. Roberto de Nobili (1577-1665), outro sucessor de Xavier na Ásia, adotaria os costumes dos brâmanes e tentaria demonstrar, na prática, que a fé cristã poderia ser vivida de uma maneira não complementemente ligada a valores culturais europeus.

Portanto, houve uma tentativa dos jesuítas de “desocidentalização” do cristianismo em sua admissão das contribuições das civilizações da Ásia, obviamente em tudo aquilo que não fosse incompatível com o Evangelho. Entretanto, por conta dessa abertura, os missionários acabariam tendo que entrar em querelas intermináveis com a hierarquia da Igreja Católica europeia, a qual, da distante Europa, pouco poderia entender das dificuldades dos missionários em seu trabalho de campo. Consequentemente, a Igreja acabou por suprimir avanços em termos de acomodação cultural que só seriam vistos com bons olhos pelo alto clero a partir dos anos 1950.

De qualquer forma, os primeiros cinquenta anos de permanência dos jesuítas no Japão (1549-1600) não devem ser entendidos, de modo nenhum, como um tempo de paz, em que não havia grandes desafios para o trabalho missionário dos padres.

Sem poder contar com o apoio militar e político de um sistema colonial, os inacianos precisavam lidar com diversos grupos sociais com interesses diferentes, e a todo tempo negociar com eles sua estadia no arquipélago. A arquitetura político-social do Japão contava com diversos segmentos que iam desde os mais poderosos *daimyos*, passando pelas castas de samurais, *Kokujins*, comerciantes japoneses, monges budistas, camponeses, entre outras. Sendo assim, a ausência de instituições portuguesas que os apoiassem tornou necessário que os jesuítas negociassem com diferentes estratos sociais, uma vez que se fazia necessária certa flexibilidade para a manutenção de sua estadia na região. (PIMENTA, 2013, p. 18).

Além das constantes negociações com os líderes locais, havia os intermináveis debates com os monges budistas em que a dialética ocidental dos inacianos entrava em choque com a disputa tradicional budista. Os monges, *bonzos*, como são chamados nas cartas dos padres, foram detentores do poder religioso até a chegada dos jesuítas, e estavam acostumados a defender ideias sectárias. Os monges budistas obviamente

não estavam interessados em perder seus seguidores, entre eles poderosos chefes militares, para uma nova religião. As *Epistolae Iapanicae* trazem muitas referências a esse conflito.

## 2 O texto fonte escrito em latim

As *Cartas Japonesas* constituem-se em um total de 263 páginas, em uma coluna, sem contagem de linhas; os tipos romanos são redondos e ou itálicos; há grafemas do alfabeto grego e alógrafos contextuais do Renascimento no século XVI. São usadas letras capitulares, no título e subtítulo, na primeira página e na folha de rosto. Há no cabeçalho de todas as folhas a identificação da obra: EPISTOLAE (à esquerda) IAPANICAE (à direita). As primeiras palavras das cartas são iniciadas por letras capitulares e acompanhadas por uma iluminura; são maiúsculas as primeiras letras dos antropônimos, topônimos e títulos nobiliárquicos ou religiosos.

As cartas contêm registros da atuação dos missionários no arquipélago japonês, mas também indícios das influências linguísticas mútuas no contexto das estratégias utilizadas pelos jesuítas para que as missões fossem estabelecidas com sucesso. No que tange à fundação de colégios, segundo Pimenta, os jesuítas tiveram que reelaborar as estratégias que vinham utilizando em outras missões. Assim, a evangelização

contou com uma ajuda muito peculiar no Japão. Os inicianos adaptaram uma instituição já utilizada pelos budistas: os *dógicos*, num exemplo de prática de acomodação cultural, comum nos trabalhos missionários dos inicianos. A prática missionária dos jesuítas no Japão, assim como nas diversas partes do globo se mesclava com certos elementos da cultura local. Dessa forma, os jesuítas buscavam compreender os conceitos teológicos dos povos recém-descobertos para que estes se adaptassem melhor à doutrina cristã, facilitando o processo evangelizador. (PIMENTA, 2013, p. 43).

Koerner (1995) ressalta a importância da reconstituição do clima de opinião, que se relaciona ao contexto social, histórico e intelectual do tempo e espaço em que se desenvolveram ideias ou teorias a respeito das línguas e da linguagem. O autor chama essa reconstrução historiográfica de contextualização, delineando-se os principais elementos que

constituíam o clima de opinião em que se produziram os materiais que servem de dados de pesquisa para a discussão das *Epistolae Iapanicae*.

Os primeiros inicianos no Japão precisavam fazer relatórios acerca de seu trabalho de propagação da fé, o que era realizado por meio de cartas que enviavam para suas sedes em Portugal e Roma. *Epistolae Iapanicae* é uma coletânea de 19 cartas desse tipo, impressas em forma de livro pela Universidade de Lovaina, no final do século XVI, e contém textos que eram originalmente escritos em português e castelhano, mas foram depois traduzidas para o latim.<sup>2</sup> A importância dessas missivas, enviadas pelos jesuítas do Japão aos seus superiores na Europa, relaciona-se não só ao fato de serem os primeiros documentos que contêm descrições detalhadas do arquipélago, mas também testemunham a reação dos ocidentais a um novo universo de ideias, crenças e costumes.

A importância que as cartas assumiram na organização da ordem, portanto, é primordial. Uma vez que elas constituíam a única forma de comunicação direta da época entre pessoas distantes, somente através delas os missionários poderiam receber ordens de seus superiores e informá-los do andamento das missões – algo essencial em se tratando de uma ordem extremamente hierarquizada como a Companhia. A comunicação através das cartas obedecia, porém, não somente uma lógica vertical, mas também horizontal, que seria para a união dos ânimos de todos os membros da Companhia. A escrita assume, assim, a forma predominante de comunicação, ação e registro. (BERNABÉ, 2012, p. 67).

Vale dizer que as cartas que os jesuítas escreviam não se limitavam a uma troca estrita de informações entre membros de uma mesma ordem religiosa. Cartas que mostrassem apenas os aspectos públicos e positivos da missão também poderiam ser traduzidas para o latim, publicadas em coletâneas e assim serviam de instrumento de propagação da fé e de estímulo para o nascimento de novas vocações missionárias na Europa, o

---

2 O latim era a língua oficial das ciências, política e religião católica nos séculos XVI, XVII e início do XVIII, tendo sido utilizado desde a Antiguidade pelas elites intelectuais e, principalmente pelos cristãos, no Ocidente. Nessas cartas, identifica-se o uso de um neolatim, uma variante da língua dos romanos que foi normatizada pelos humanistas a partir do século XV com base no Latim Clássico, principalmente aquele das obras de autores canônicos como Cícero (séc. I a.C.) e Santo Agostinho (séc. V d.C.).

que, do ponto de vista da Igreja e dos jesuítas, certamente ia muito além do propósito de alimentar a grande curiosidade que havia por informações a respeito das terras recém-descobertas pelos europeus.

Os missionários, por sua vez, tinham total noção de que escreviam para serem lidos por muitos outros e que produziam um texto para ser interpretado, repassado e lembrado. As cartas dirigidas aos superiores, no entanto, possuíam um caráter diferenciado. Não tinham o compromisso de edificar a missão e podiam conter as discórdias e problemas enfrentados pelos missionários atuantes. (BERNABÉ, 2012, p. 69).

O impacto linguístico que costuma acontecer em situações de contato dá-se sob a forma de empréstimos lexicais, alterações no sistema de escrita, neologismos. No caso específico dos jesuítas, sabe-se que houve traduções para o japonês de textos clássicos da Antiguidade greco-latina, como as fábulas de Fedro e Esopo, e, sobretudo, de históricas bíblicas, textos litúrgicos e orações que seriam utilizados pelos nipônicos em suas devoções pessoais ou celebrações comunitárias.

Sobre os descobrimentos de novas terras pelos portugueses, que é concomitante à escrita das *Epistolae Iapanicae*, pode-se dizer que *Cartas Japonesas*, com suas descrições das terras recém-descobertas e dos povos nativos, certamente despertavam o interesse de um amplo público de leitores na Europa. De fato, nos anos 1560, a Europa demonstra grande entusiasmo em conhecer os relatos de explorações do novo mundo, visto que um grande número de

obras começam [...] a aparecer relativas aos países recentemente explorados e, sobretudo, às conquistas espanholas e portuguesas. Logo os missionários começam a enviar regularmente narrativas detalhadas de sua atividade [...] É muito interessante notar a esse respeito que, entre as obras que mais se leem na França no século XVI, não figura mais do que no século XV a narrativa da viagem de Marco Polo (editada uma só vez em francês durante um século, em Paris em 1556); não mais, aliás, do que figurarão em seu tempo as narrativas de Jacques Cartier ou de Champlain. As obras mais frequentemente editadas em francês durante o século XVI são – juntamente com as cartas escritas do Japão pelo padre jesuíta Froes (dezenove edições) – as Viagens à Turquia, à Síria e ao Egito de Villamont, a nossos olhos bem pouco interessantes (treze edições) [...] (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 383-384).

Portanto, a imprensa, no século XVI, teve um papel fundamental, enquanto facilitadora na transmissão de informações sobre as descobertas geográficas, difundindo novas ideias e uma nova literatura ou o conjunto das letras que documentam esse momento da história. Nesse contexto, a estratégia de divulgação impressa e de tradução do português para o latim são perfeitamente eficazes para a difusão das cartas e para o registro do avanço da Europa cristã ocidental sobre populações da Ásia. As estratégias retóricas de uso da autoridade, de escolha dos locais de impressão e da importância dos próprios conteúdos serão o objeto da próxima seção.

### **3 O processo argumentativo por trás das escolhas editoriais**

Elencamos abaixo algumas questões tratadas nas cartas, utilizando-nos, para isso, das versões impressas, aqui vertidas para o português.<sup>3</sup> O formato de apresentação será da reprodução do fac-símile, antecedido por um rápido comentário sobre o conteúdo da carta e seguido de uma tradução do latim para o português, no sentido de tornar mais acessível a leitura. A ideia de revelação do processo argumentativo constará da parte final do texto, após a apresentação dos quatro fac-símiles.

#### **Fac-símile A**

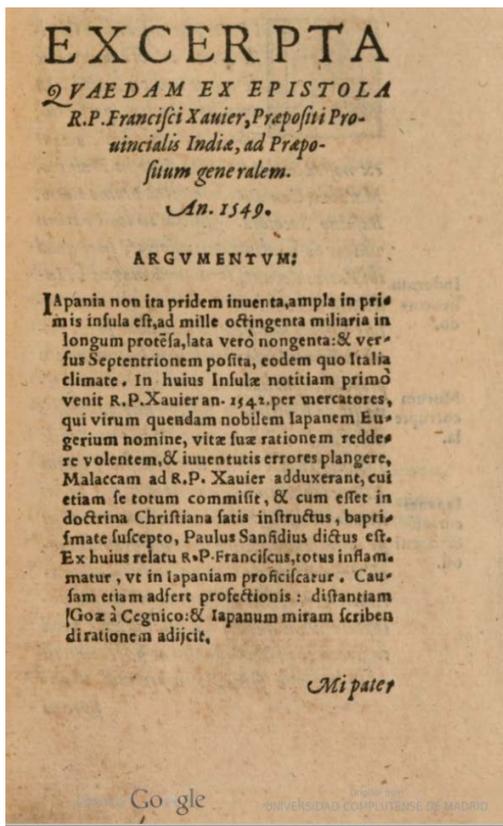
Descrição do local. Neste prefácio das *Epistolae* selecionado para demonstração, o editor anuncia os tópicos que serão tratados pelo autor, Francisco Xavier, em sua carta: informações geográficas a respeito do Japão, o clima do país e como Xavier teve as primeiras notícias a respeito do arquipélago nipônico.

Este prefácio trata da religião, educação e filosofia dos nipônicos. Os assuntos anunciados se relacionam aos costumes dos japoneses, aos costumes dos bonzos e seus ensinamentos, às primeiras conversões, ao colégio construído em Yamaguchi e à retidão do duque deste local.

---

<sup>3</sup> Essa “retrotradução” se apresenta para auxiliar na compreensão do conteúdo e agilizar a discussão.

## FAC-SÍMILE 1 – Descrição do local



Fonte: VELPIUS, 1569, ffnc. 14-16.

## Fac-símile B

A questão central é o choque de culturas entre o olhar europeu e o mundo nipônico. Essa descrição posiciona o olhar catequizador na margem do bem e, ao mesmo tempo, coloca a população japonesa como possível objeto de evangelização, seja pela presença dos bonzos – os padres locais (embora *corruptos*, no olhar catequizador) – seja pela extrema pobreza e carência de assistência, ou ainda pela boa fé e benevolência do Duque de Yamaguchi, mecenas da religião católica.

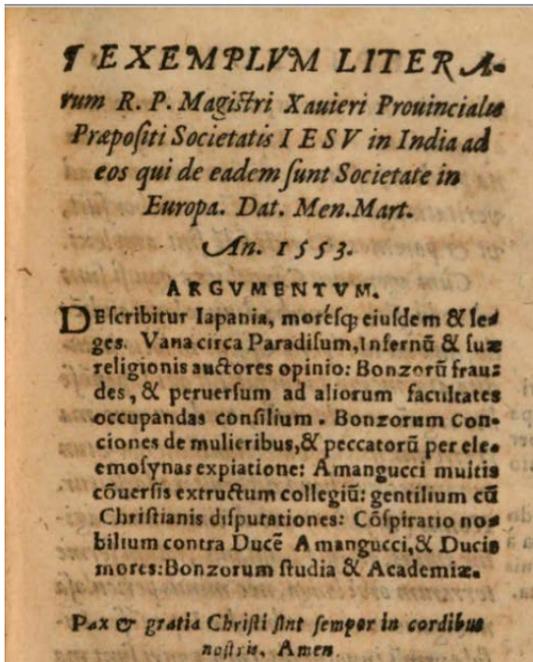
Alguns trechos de uma carta escrita do Reverendo Padre Francisco Xavier, Provincial Preposito da Índia para o Provincial Geral, no ano de 1549.

Assunto: O Japão é uma grande ilha, que ainda não tinha sido descoberta. Estende-se por 80 mil milhas de longitude e 90 de latitude e direciona-se para o norte. Tem o mesmo clima da Itália. As primeiras notícias dessa ilha chegaram ao padre Xavier em 1542, por meio dos mercadores, que lhe trouxeram certo homem nobre japonês, Euergerio, que queria apagar os pecados de sua juventude; e trouxeram-no para Malaca para Xavier, a quem se dedicou totalmente e, depois de ser instruído na doutrina cristã e tendo recebido o batismo, foi chamada de Paulo de Santa Fé. Por causa de seus relatos, Padre Francisco ficou animado a viajar ao Japão. [Nesta carta, o autor] Acrescentou a causa da viagem; falou da distância de Goa, a partir de Cegnico; e acrescentou uma admirável descrição do Japão.

Meu Pai.

Compõe-se, assim, um relato de “preparações”, que se intensifica com a denominação que se dá ao povo – gentio – colocando-o abaixo da condição cidadã do homem europeu, ou seja, a terra por ser convertida, catequizada e, por fim civilizada.

#### FAC-SÍMILE 2 – Choque entre culturas



Fonte: VELPIUS, 1569, p. 31-43.

Exemplo das cartas do Padre Mestre Xavier, Provincial Preposto da Companhia de Jesus na Índia, aos membros da Companhia de Jesus que estão na Europa. Com data do mês de março, no ano de 1553.

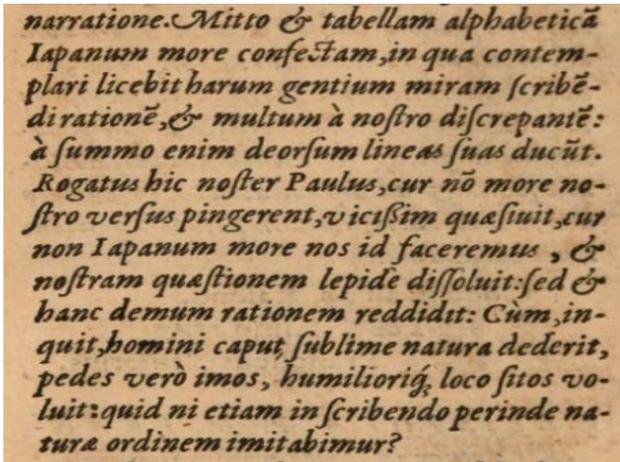
Assunto: Descreve-se o Japão, seus costumes e suas leis. Coisas falsas sobre o Paraíso e sobre o Inferno e a opinião dos autores da religião local: as fraudes dos bonzos e seu conselho perverso sobre como as outras pessoas devem ocupar suas capacidades. As reuniões dos bonzos com mulheres e os perdões dos pecados por meio de esmolas. O colégio de Yamaguchi é construído com a ajuda de muitos convertidos; as discussões dos gentios com os cristãos; as conspirações dos nobres contra o Duque de Yamaguchi e o proceder do duque; as escolas e academias dos bonzos.

Que a paz e a graça de Cristo estejam sempre em nossos corações, Amém.

#### Fac-símile C

Nele, transcreve-se uma passagem em que o autor, Francisco Xavier, relata as impressões do japonês convertido Paulo de Santa Fé sobre os sistemas de escrita ocidentais. Neste passo, Paulo faz um ensaio de comparação entre a escrita japonesa e os sistemas das línguas europeias.

## FAC-SÍMILE 3 – Descrição do Japão



Fonte: VELPIUS, 1569, ffnc. 14-16.

Envio também uma tabela alfabética feita de acordo com o costume japonês, na qual é possível observar a admirável maneira de escrever desta gente, a qual é muito diferente da nossa: escrevem as suas linhas de cima para baixo. Perguntado o nosso Paulo por que eles não escrevem as linhas a nossa maneira, Paulo por sua vez perguntou por que nós não escrevamos da forma japonesa, e esclareceu rapidamente nossa pergunta, dando então a seguinte explicação: a natureza colocou a cabeça do homem no lugar mais alto, mas os pés no lugar mais baixo e humilde, por que então ao escrever não imitaríamos igualmente a ordem da natureza?

## Fac-símile D

Sobre a finalidade das cartas, em primeiro lugar, trata-se fundamentalmente de um instrumento de propaganda da fé católica<sup>4</sup> em uma parte da Europa particularmente atingida pela Reforma Protestante: os Países Baixos (as cartas são publicadas em Lovaina) e territórios da atual Alemanha.

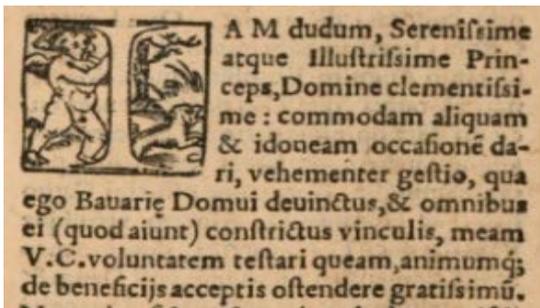
Alberto V, Duque da Baviera, é o financiador do trabalho de tradução e edição. Não é de se admirar, portanto, que Hannardus de Gameren, tradutor e editor das *Epistolae*, ocupe parte significativa do prefácio geral (26 páginas) com um agradecimento solene e uma

<sup>4</sup> Embora a “Propaganda fidei” seja uma instituição do início do século XVII, as *Epistolae Iapanicae* já demonstram a prática com a sua edição.

descrição dos atos de generosidade do Duque e da Casa da Baviera, da qual são transcritas as primeiras linhas abaixo.

Esta prática, considerando-se a presença marcante da retórica antiga na Europa pós-Renascimento, tem relação direta com a tópica da falsa modéstia, cuja função, no sistema, é a de louvar a autoridade, por um lado, aproveitando-se deste louvor para o autolouvor do próprio escritor que, neste exercício, eleva ao homenageado ao objeto e a si próprio.

#### FAC-SÍMILE 4 – Agradecimentos ao Mecenas



Há muito tempo, Sereníssimo e Ilustríssimo Príncipe, Senhor Clementíssimo, desejo ardentemente uma ocasião apropriada e oportuna em que eu, ligado a Casa da Baviera e (como dizem) preso por todos os seus vínculos, fosse capaz de expressar meu desejo a Vossa Celsitude e demonstrar meu profundo agradecimento pelos favores recebidos.

Fonte: VELPIUS, 1569, ffnc. 2-13.

A compilação das *Epistolae* se organiza com a redação do prólogo geral, dos cabeçalhos, dos prólogos individuais, feita por Hannardus de Gameren (1530-1569), poeta laureado do Sacro Império Romano-Germânico. Rutger Velpius (1540-[1614 ou 1615]), primeiro editor da Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, foi responsável pela publicação, escrita em neolatim no ano de 1569, indicando como localidade da impressão “Castro Angélico”.

Quanto à estrutura do texto, todas as cartas possuem cabeçalho, prólogo (resumo dos conteúdos, divididos por tópicos), anotações marginais (subtítulos), reclames no final de cada folha (procedimento da tipografia antiga que tem a função de indicar a sequência dos fôlios, revelando um processo de impressão multipáginas com corte posterior), assinatura e data no final; às vezes consta também agradecimento. A extensão das cartas vai de um parágrafo a aproximadamente 30 páginas. A edição utilizada para esta pesquisa se encontra disponível *online* no Google, por meio de sua ferramenta Google Books. Nessa página é

permitted to read and download the digitalized material. The physical material is located at the Universidad Complutense de Madrid, under the code BH FLL 19007(1).

The first missives that Hannardus de Gameren compiled in his *Epistolae Iapanicae (Cartas Japonesas)* are of authorship by a religious and studious man of the period, the Padre Francisco Xavier, who demonstrates that the translation for Latin and the edition of these letters result from an effort of propaganda of the Catholic faith, a context in which the works of this writer represented an argument of authority among the members of the local Church. The material is printed in a Germanic Catholic environment, strongly impacted by the Protestant Reformation and the religious wars in progress. In the preface of the edition of the *Epistolae*, there are some relevant information about the confrontation between the adepts of the Protestant Reformation and the Counter-Reformation. The Duke Alberto V of Bavaria (1548-1626), who financed the edition, was a fervent Catholic.

This contextualization becomes fundamental for the research in the measure in which it congregates important data of decisions of the Catholic Church in relation to possible advances or attempts of recuperation of its best prestige in the Central-East of Europe: the choice of a Catholic nucleus in the space of the emergence of the Protestant Reformation, the international language of the Catholic Religion (and even of science) – Latin – and, finally, the argument of authority that the action of Padre Francisco Xavier represented for the Church, which composed a framework of investment significant for Portugal and Rome, amplifying the object of evangelization by the combination of these three complementary components to the proper action of editing the *Epistolae*.

In this context, the reunion of the intentions of expansion of the Portuguese Crown, when allied to the financing of the patron Duke of Bavaria, the interference of the letter of Francisco Xavier, the concession of the privilege of the press and all his licenses and authorizations, besides the action of the boldness in the predominantly Protestant field, make the *Epistolae Iapanicae* document a source that is produced in a relatively adverse context, and that, given the circumstances (we could emphasize – the choices!), allows to circulate *in casa do adversário* the opinions, descriptions, processes of action both in the catechization as well as in the establishment of a linguistic contact of the main precepts of the Catholic religion cultivated in Portugal.

#### 4 Considerações finais

O estudo das *Epistolae* enquanto documento das ações dos jesuítas portugueses nos meados do século XVI justifica-se pela eleição do *corpus* em suas forma e materialidade, quais sejam, uma *edição impressa* (portanto, passada pelo crivo de um processo editorial) e *financiada por um mecenas* (o que coloca o *corpus* em condição privilegiada de material seletivo para aquela finalidade). Trata-se também de uma *compilação*, o que, no universo da discussão sobre circulação de textos e ideias, importa sobremaneira, pois resulta de critério de seleção em que estão em jogo os interesses do editor, do mecenas e, possivelmente, da própria Igreja.

As *Epistolae Iapanicae* compõem um compilado de 19 cartas que relatam as expedições e missão dos primeiros jesuítas ao Japão. É uma obra que ajudou a alimentar a grande curiosidade dos europeus sobre aquilo que, para eles, era um mundo novo, seja pela piedade católica com seu grande entusiasmo, seja pela propagação da fé.

Devido à ação dos inacianos e provavelmente à curiosidade dos nipônicos, os habitantes do Japão do século XVI mostraram um grande interesse pela cultura dos missionários, principalmente pelas novas descobertas e tecnologias europeias daquela época, o que, diga-se de passagem, demonstra como a Igreja Católica teve um papel significativo para as futuras relações entre o Japão e o Ocidente.

O processo de construção dessas imagens se associa em parte ao processo de elaboração das hagiografias. Embora não exista, nas *Epistolae Iapanicae*, “o Santo”, existe um trabalho de explanação e demonstração do que significa atuar na vida religiosa. Por outro lado, importa observar que as fontes revelam que as estratégias para a construção dessas cartas, cujas informações parecem ser predominantemente religiosas, abrigam subliminarmente várias outras mensagens igualmente importantes, das quais o estudo das fontes e o exercício da Crítica Textual, aqui posto, pode demonstrar alguns, como a importância da compilação, a necessidade de se recorrer ao argumento de autoridade, o mecenato e o uso da língua internacional.

## Referências

BERNABÉ, R. C. *A construção da missão japonesa no século XVI*. 144 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FEVRE, L.; MARTIN, H.-J. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Hucitec, 1992.

KOERNER, K. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1075/sihols.79>.

PIERRARD, P. *História da Igreja*. 2. ed., Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1982.

PIMENTA, P. A. *Jesuítas no Japão: o discurso sobre os percalços da cristianização*. 156 f. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Faculdade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

VELPIUS, R. *Epistolae iapanicae, de multorum gentilium in variis insulis ad Christi fidem per Societatis nominis Iesu theologos conversione. In quibus etiam mores, leges, locorumque situs, luculenter describuntur*. Lovaina: [S. n.], 1569. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/ucm?vid=UCM5326654495&printsec=frontcover&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/ucm?vid=UCM5326654495&printsec=frontcover&redir_esc=y). Acesso em: 15 ago. 2018.

Recebido em: 30 de maio de 2019.

Aprovado em: 19 de outubro de 2019.